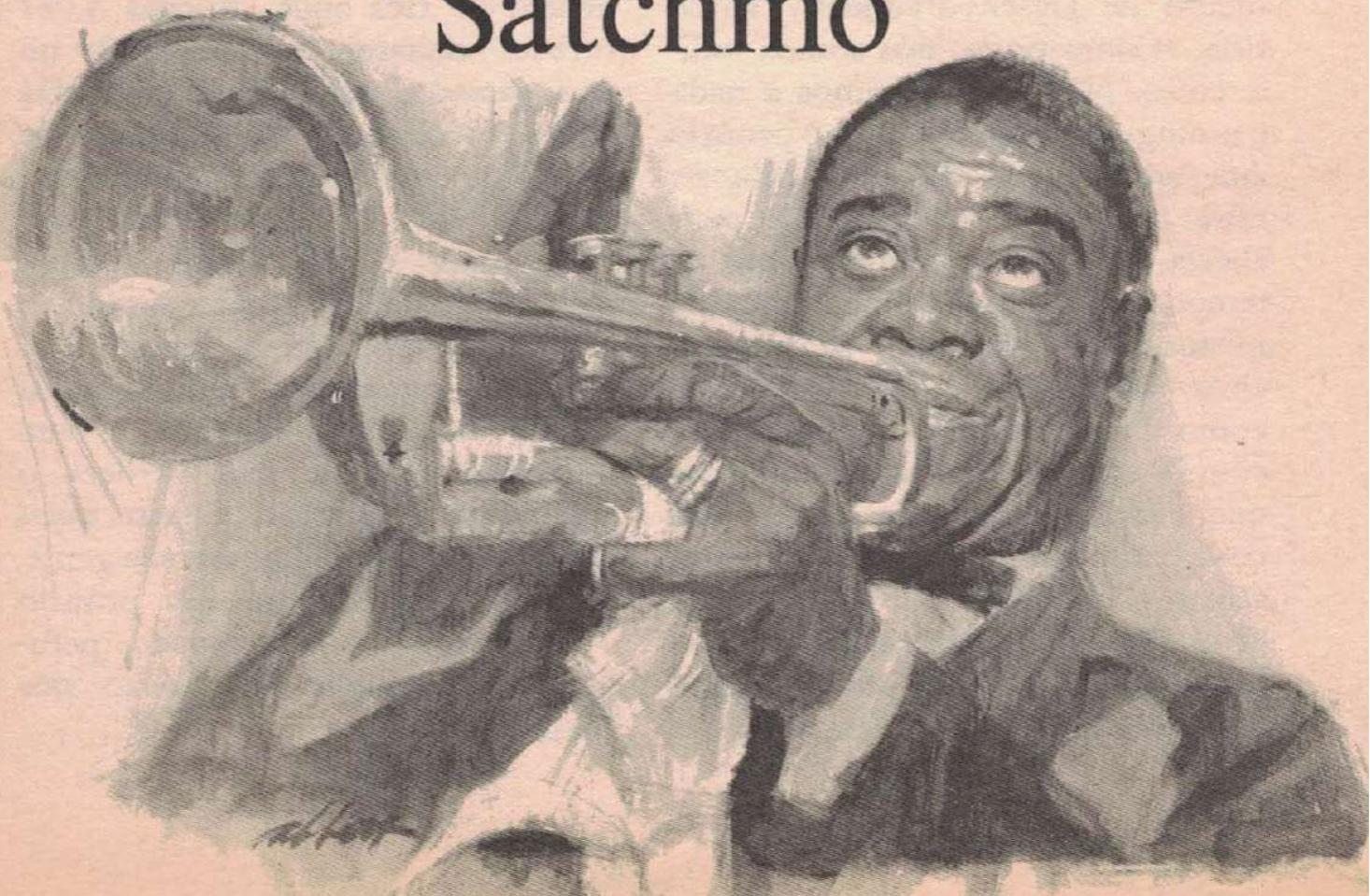


TYREE GLENN

*Ele era extravagante,
maravilhoso e único
— o maior de todos os
músicos de jazz. Mas a
marca mais profunda
deixada por
Louis Armstrong, foi a de
um ser humano raro,
muito amado porque
muito amou*

MEU DEUS, como êle sabia soprar aquela corneta! Êle enxugava a fronte suada com um lenço branco, encostava o enorme piston dourado aos lábios, apontava-o para o céu e soprava, e as notas saíam lindas como anéis de fumaça. E quando êle grunhia uma canção com aquela voz rouca e reluzindo aquêles dentes enormes, cheio de ritmo e calor... bem... simplesmente não existia no mundo ninguém como êle. Se você fôsse músico e alguma vez tivesse tocado com Louis Armstrong, ou mesmo o ouvisse tocar, haveria para sempre um pouco de Satchmo em sua música.

O Inesquecível “Satchmo”



Antes de «Pops», como a maioria dos amigos o chamava, vir para a turbulenta Chicago da década de 20, o jazz era geralmente tocado em conjunto. Mas o jovem Louis, com o consumado virtuosismo das suas aptidões, logo começou a libertar a música para o executante individual. Sob a sua influência, todo o caráter do jazz foi modificado e ampliado. Tornou-se uma expressão singular de arte americana e Louis uma das suas maiores estrelas. Êle viajou por todo o mundo e era tão popular no exterior como em seu próprio país. Fêz 36 filmes, era grande atração na TV e gravou cêrca de 2.500 músicas, entre as quais alguns sucessos permanentes como *Mack the Knife*, *Hello Dolly!*, *Blueberry Hill* e *When It's Sleepy Time Down South*.

Entretanto, não foi como músico e artista que Louis deixou a sua marca mais profunda, mas como um ser humano raro, muito amado porque muito amou. Sua filosofia era: «Se você não me tratar bem, que vergonha para você.» Êle venceu a pobreza e as amarguras e crueldades da intolerância racial, e nunca se deixou marcar por nada disso. Era um homem bom e gentil demais e tão cheio de alegria e pequenas graças que não conseguia manter rancôres. «Êle até acorda sorrindo», disse Lucille, sua espôsa.

A primeira vez que escutei o som peculiar de Louis num disco

O trombonista Tyree Glenn foi, durante muitos anos, diretor musical do conjunto de Louis Armstrong.

foi quando eu era um garôto recém-saído da minha cidade, Corsicana, no Texas, para tocar trombone numa orquestra. Aquelás triunfantes notas de piston, puras e brilhantes, e aquela voz áspera, deixaram nosso grupo extasiado. Depois disso, costumávamos viajar com as cabeças para fora das janelas do ônibus para pegar um resfriado e cantar como Louis Armstrong. Jamais alguém conseguiu. Alguns anos mais tarde, quando fui para Nova York tocar com Ethel Waters, no Cotton Club, tomei parte em várias *jam sessions* com Louis. Estava no sétimo céu. Finalmente, quando êle me convidou para entrar para o seu conjunto, tive a fabulosa experiência de tocar e viajar por todo o mundo com êle.

Foi não sòmente uma lição de música, mas também de vida. Tocar num conjunto, cada noite num lugar, dormir pouco e comer mal é muito duro, mas Pops tinha um jeito especial de fazer tudo fácil. Êle era capaz de se encolher praticamente em qualquer canto e tirar uma soneca. «Não gosto de nada me empurrando», dizia êle. «A gente é mais saudável e feliz quando leva tudo na calma.»

Sempre em Busca. Louis nasceu em 4 de julho de 1900, no bairro pobre e negro de Nova Orleans. Cresceu num mundo de bordéis, jogadores, cultura «Creole», brigas de navalha e jazz. Sua mãe, que êle adorava, era empregada doméstica, e o pai, operário numa fábrica de terebintina, abandonou-os muito

cedo. «Mamãe ensinou-me que é melhor esquecer tudo aquilo que a gente não pode ter», dizia êle. O pequeno Louis cavava a vida entregando carvão nos bordéis, e foi aí que êle ouviu jazz pela primeira vez: grandes músicos como Jelly Roll Morton, Bunk Johnson e Joe «King» Oliver.

Quando tinha 13 anos, numa explosão de exuberância juvenil, Louis disparou alguns tiros de pólvora seca para comemorar o Ano Nôvo. O resultado foi ser enviado para o Abrigo de Menores Negros. Isto acabou sendo uma bênção, porque foi ali que aprendeu a tocar corneta e clarim. Quando saiu, o seu ídolo, King Oliver, deu-lhe uma velha corneta de presente e ensinou-lhe mais algumas coisas sôbre como tocar. Louis tocou durante algum tempo nos barcos fluviais em Nova Orleans e St. Louis, e um dia Oliver chamou-o para Chicago, a fim de entrar para o seu conjunto. «Eu era apenas um garôto», lembrava Louis. «Não sabia nada. Nem *desconfiava* das coisas.»

Entretanto, em pouco tempo o «Pequeno Louis» (êle era baixinho e gordo, com 102 quilos) estava chamando a atenção dos outros músicos com o seu prodigioso sôpro. Êle possuía o equipamento ideal para um grande tocador de corneta: peito enorme, um poderoso diafragma e bôca e lábios grossos que lhe valeram o apelido de «Satchelmouth» (bôca de saco), mais tarde abreviado para «Satchmo». O seu sôpro era tão poderoso que, quando

o conjunto de Oliver gravava, os técnicos de som tinham de colocar Satchmo cinco ou seis metros atrás do resto da orquestra, a fim de equilibrar a sua parte com os demais músicos.

Mas Louis era capaz de mais do que apenas soprar com incrível fôrça. Estava sempre em busca de algo, tentando novos sons, novas idéias. «Todos nós fazemos *dó, ré, mi*», dizia êle, «mas outras notas nós temos de achar sòzinhos.» Louis encontrou-as na sua própria vida movimentada. «Quando toco, olho para trás e fico lembrando de coisas», contou êle um dia para o escritor Larry King. «Uma cidade, uma garôta em algum lugar no comêço da vida, um velho sem nome que a gente um dia viu num lugar esquecido. O que se ouve sair da corneta de um homem, isso é o que êle é.»

Em 1924, Louis foi para Nova York tocar com a orquestra de Fletcher Henderson, a primeira grande orquestra negra. Henderson soltou as rédeas de Louis, e em breve o seu estilo havia transformado o conjunto de uma orquestra de dança numa verdadeira orquestra de jazz.

Homem Simples. À medida que a popularidade de Louis aumentava, êle próprio transformava-se numa operação comercial. Em 1932, fêz a primeira de suas muitas viagens ao exterior, atraindo enormes multidões onde quer que se apresentasse.

Apesar de tôda a sua riqueza e fama, Louis permaneceu um homem simples. «Nunca quis ser grande

estrêla», costumava dizer. «Tôdas estas viagens, todo êste *grandioso*, é bonito, mas não fui eu que o pedi. Em Nova Orleans eu era tão feliz como agora.» Êle e a espôsa, Lucille, viveram com simplicidade numa velha casa de um pacato bairro de Nova York. Seu prato favorito era feijão com arroz. Gostava dos garotos da vizinhança e êles adoravam-no. Quando o ônibus do conjunto vinha buscá-lo em casa, muitas vêzes tínhamos de ficar esperando enquanto êle comprava sorvete para os garotos.

Pops era o tipo mais mão aberta do mundo e costumava deixar maluco o seu agente branco, Joe Glaser, por causa da sua generosidade. «Pops chega a dar — estou dizendo *dar* — 500 a 1.000 dólares tôda a bendita semana», explodiu uma vez Glaser. «Não é todo o mês. É toda a bendita *semana*.» Várias vêzes vi-o oferecer seu piston a algum garôto que não tinha dinheiro para comprar um.

Antes de cada apresentação, Louis cumpria um ritual com várias panacéias. Primeiro era uma colherada de mel e glicerina para «lavar os tubos» e um unguento alemão para «cuidar dos beiços». Havia depois um linimento para ser espalhado pela garganta, peito e estômago, para proteger contra resfriados, e uma aplicação de nitrato de etilo sôbre o rosto «para tirar a febre». Finalmente, havia a sua dose noturna de *Swiss Kriss*, um laxativo que era quase uma mania para êle. Era engraçado ver Pops, com um

lenço à volta da cabeça, realizar o seu ritual. Mas a verdade é que êle o manteve em forma.

«**Com Licença, Gabriel.**» As viagens e apresentações de Louis durante mais de meio século finalmente cobraram seu preço. Alguns anos atrás, durante uma excursão pela Itália, êle sofreu um colapso. Mais tarde, em Nova York, teve de ser hospitalizado, mas o seu estado de espírito era excelente. «Não é nada que um pouco de música não consiga curar», disse-me êle quando fui visitá-lo. Em seguida insistiu para que ensaiássemos um dueto que pretendia tocar no espetáculo.

A última apresentação de Louis, em março de 1971, foi no Waldorf Astoria, em Nova York. Embora a sua antes imponente figura estivesse abalada pela doença, Pops estava ali ainda para «fazer baixar a música sôbre o povo». Os médicos haviam-no advertido quanto aos riscos de continuar tocando piston, mas êle não diminuiu aquelas notas altas dos velhos tempos.

Depois disso, foi novamente hospitalizado, e teve desde então de repousar em casa. Mas tôdas as tardes êle ensaiava com seu piston. Às vêzes falava na morte, mas recusava-se a ser sentimental. «Acho que tive uma vida linda», disse êle. «Não desejei nada que não pudesse ter, e tive quase tudo que desejei. O pessoal vai gostar de tocar para mim — virá gente de todo o lado para tocar. Será bom se eu chegar até às Portas do Paraíso. Tocarei um dueto com o

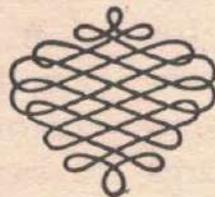
Gabriel. *Yeah*, vamos tocar *Sleepy Time Down South*.»

Mas Pops não tinha pressa para esse dueto. Estava querendo cair na estrada de novo. «Meus beijos estão OK», assegurou-me ele. «Tudo que eu preciso agora é mais resistência nos pisadores (pernas).» Depois, juntos, tocamos *Sleepy Time Down South*. Dias mais tarde, a 6 de julho, Louis morreu serenamente durante o sono.

Seu funeral foi uma cerimônia simples numa igreja do bairro pacato onde ele viveu tanto tempo, mas foi presenciado por inúmeras

personalidades e transmitido por satélite para a TV de 16 países europeus. Peggy Lee cantou a *Oração do Senhor* ao ritmo lento de uma procissão fúnebre de Nova Orleans. Al Hibler, o cantor cego, cantou *Nobody Knows the Trouble I've Seen*. O *disc jockey* Freddie Robbins fez uma breve evocação e concluiu: «Com licença, Gabriel, aqui vem Satchmo.»

Enquanto o cortejo fúnebre rodava em direção ao cemitério, alguns garotos levantaram um cartaz que dizia: «Todos nós o amávamos, Louis.» Todos nós.



VENDEDOR mostrando ao jovem casal uma TV em liquidação: «Outra vantagem: se der defeito, não é preciso recorrer à garantia. Simplesmente pagam o conserto.» — *Lepper*

UMA garôta para outra, apontando um escoteiro: «Ele é leal, econômico, digno de confiança e metido.» — S. H.

HOMEM, ao telefone: «O chefe da família não está. Aqui fala o presidente do comitê financeiro.» — B. B.

UMA mulher-esquimó para o marido, esfregando as costas ao levantar-se: «Quantas vezes tenho de dizer a você para pôr anticongelante no colchão de água?» — M. R.

UM garôto, na hora de jantar, para os pais: «Recuso os valores de vocês, começando pelo espinafre!» — *Cochran, The Wall Street Journal*

VENDEDOR mostrando um carro novo a um comprador: «Tem um equipamento automático que o lembrará do pagamento, na véspera do vencimento da prestação.» — D. M.

66 Entre Aspas 99

AGORA que as mulheres já são jóqueis, juizes de futebol, cientistas atômicas e dirigentes de empresas, talvez algum dia consigam aprender a estacionar um automóvel. — B. V.

QUANDO crianças, começamos a fumar porque éramos sabidos. Por que não paramos pelo mesmo motivo? — H. E.

A CONCENTRAÇÃO de riqueza nunca será problema enquanto existirem essas três grandes instituições de redistribuição: impostos, mulheres e filhos. — M. H. W.

A REBELIÃO em si não é virtude. Se fôsse, teríamos heróis em níveis muito baixos. — N. T.

PARA permanecer o ideal de uma mulher, o homem tem de morrer solteiro. — P. P.

ORIGINALIDADE é a arte de esconder as fontes. — F. P. J.

NÃO HÁ comparação entre o que se perde por fracassar e o que se perde por não tentar. — Francis Bacon

MATEMÁTICOS talvez neguem, mas é possível que um bonito conjunto de curvas crie um triângulo. — N. C.

NÃO gostar de aprender é o mesmo que não gostar de viver, e crianças que rejeitam instrução estão-se queixando mais de suas vidas do que de suas escolas — embora ambas possam ser más. — S. J. H.

AS PEDRAS atiradas pelos críticos com maldade podem ser usadas por um homem na construção do seu monumento. — A. G.

SEJA o que fôr que esteja causando a poluição, certamente não é o cachimbo da paz. — B. C.

UMA MENINA não espera que a sua boneca lhe faça declarações de afeto: ela simplesmente ama-a. É assim que o amor deveria ser.

— Rémi de Gourmont